



Mais do que como, para que aprendemos

More than how, why we learn

Tatiana R. Carneiro^{1*}

¹ Faculdade Unimed. Rua Grão Pará, 379. Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP: 30150-340.

*Correspondência

Faculdade Unimed. Rua Grão Pará, 379. Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP: 30150-340.
tatianarodrigues@faculdadeunimed.edu.br

Financiamento

Não se aplica.

Resumo

À luz do texto do escritor brasileiro Rubem Alves, "As tarefas da Educação" e baseada em sua experiência pessoal, a autora busca refletir e relatar sobre a importância da superação dos modelos tradicionais de educação. Além disso, levanta indagações sobre as consequências de uma educação conteudista e pouco significativa para os alunos e sobre as constantes preocupações das escolas em cumprir o currículo e aprovar no ENEM, em detrimento da real formação dos futuros cidadãos do país.

Palavras-chave: educação; Rubem Alves; aprendizagem significativa.

Abstract

In the light of the text by the Brazilian writer Rubem Alves, "As tarefas da Educação" and based on her personal experience, the author seeks to reflect on the importance of overcoming traditional models of education. In addition, she raises questions about the consequences of a content education and little significant for students and about the constant concerns of schools in complying with the curriculum and passing the ENEM, to the detriment of the real training of the country's future citizens.

Keywords: education; Rubem Alves; significant learning.

Se houve um texto que marcou minha trajetória durante a licenciatura foi "As tarefas da Educação" de Rubem Alves. Lembro-me até hoje da discussão que tivemos em sala de aula, proposta pela professora Célia Regina Russo, brilhante docente que infelizmente já nos deixou há alguns anos.

Mas, nesses tempos de "novo normal" mais uma vez o texto me ocorreu. "...o professor tem de se perguntar: *Isso que estou ensinando é ferramenta para quê? De que forma pode ser usado? Em que aumenta a competência dos meus alunos para cada um viver a sua vida?...*" (ALVES, 2004)

Sempre me fiz essas perguntas e sinceramente às vezes, diante dos conteúdos e da necessidade de cumprir

o currículo, não sei respondê-las. Acredito que com frequência deixamos de lado aquilo que realmente importa.

Quando vi, no início da pandemia de COVID 19, diversos veículos de comunicação ensinando a população a lavar corretamente as mãos, me perguntei: "Alguma vez ensinei meus alunos a lavarem corretamente as mãos?". Posso ter falado sobre vírus, bactérias, inúmeras doenças, suas incidências, prevalências e formas de disseminação, mas todo esse conhecimento preparou meus alunos para enfrentarem uma pandemia?

Discutimos insistentemente a necessidade da superação do modelo tradicional de ensino e a

implantação das metodologias ativas que envolvam o aluno em atividades interessantes e maximizem a aprendizagem. Buscamos, mais do que nunca trazer a tecnologia para a sala de aula. São programas, aplicativos, novos formatos de sala de aula, laboratórios e oficinas de todas as disciplinas, com todo o tipo de material.

Mas não chega a hora de rever a carga de conteúdo que impomos aos nossos alunos?

Teorias precisam ser ressignificadas ou se tornam apenas objetos a serem recebidos e repetidos. E não digo apenas sobre a aplicação prática dos conteúdos, mas também sobre a importância daquele conhecimento em determinada fase escolar. Dewey, em 1959, já falava de processo educativo que não preparasse para a vida, mas que acompanhasse a própria vida, considerando o desenvolvimento humano. E claro, não posso deixar de lembrar Paulo Freire, com sua luta contra a educação bancária, que se baseia apenas na transferência de conhecimento e na mera preparação para exames e concursos (Freire, 1997).

Todos nós temos aquele conteúdo que estudamos muito, durante anos e que hoje sequer nos lembramos. Não digo que perdemos tempo, mas não poderia ter sido mais bem aproveitado? Será que o problema não foi o momento em que esse conteúdo nos foi apresentado?

Ao lançar seu olhar sobre o elo existente entre a instrução e o desenvolvimento, Vigotski afirma que a boa instrução é aquela que precede o desenvolvimento. Não se trata de instrução como técnica e treino, mas de permitir as condições para o desenvolvimento de funções psíquicas do indivíduo (Baquero, 1996).

Chega a hora em que o aprendizado deve não apenas ter relação com o cotidiano, mas é preciso entender também o porquê de trabalhar aquele conteúdo em sala de aula, naquela fase de desenvolvimento dos alunos.

A psicologia cada vez mais nos mostra a importância do respeito ao ritmo de aprendizagem de cada um e que o chamado “potencial” nada mais é do que a capacidade que uma pessoa tem de desenvolver suas aptidões ao longo do tempo (Dweck, 2017).

Logo, quando vejo crianças no Fundamental I aprendendo relações ecológicas ou sendo obrigadas a decorar os Estados brasileiros ou aprenderem robótica e língua estrangeira me pergunto exatamente isso. Por que agora? O que realmente importa nesse momento da vida dessas crianças?

A meu ver são a educação socioemocional, a alfabetização voltada à interpretação dos textos, a compreensão e aplicação dos conceitos elementares da matemática, a consciência fonológica, a motricidade. E

ao contrário disso, nossos pequenos são assolados por um volume enorme de informações que se repetirão e repetirão infinitas vezes em outras fases escolares.

Ou seja, estamos sendo engolidos pela necessidade de informação no mundo globalizado e pela competição, pois o futuro profissional deve chegar ao final do ensino médio falando fluentemente o inglês, tocando um instrumento musical, sendo atleta e ainda tendo conteúdo suficiente para ser bem-sucedido no ENEM e ingressar em uma instituição de ensino superior de renome.

Isso tudo tem feito com que nossas crianças e adolescentes tenham sua infância soterrada e que além disso não tenham vivência e ainda pior convivência.

Coaduno totalmente com Hanna Arendt (1979), quando a autora expõe a educação como um movimento de mutação constante, que deve levar o sujeito a uma abertura ao mundo. Todavia, infelizmente, vemos uma educação feita de disciplinas isoladas, com conteúdos totalmente desarticulados, que nega o direito ao pensar diferente e que vê o debate de forma contraproducente. Ou seja, a escola que deveria ter por princípio abrir as portas do mundo ao estudante, se rende a modelos cada vez mais comerciais, voltados à mecanização do ensino.

E ainda temos aqueles que não tem acesso a tudo isso e que acabam sendo considerados fracassados. Esses marginalizados são aqueles que nas escolas públicas também recebem uma educação sem significado nenhum e que ao final ainda levam a chancela de mal preparados. São aqueles que tiveram um ensino “fraco” e a quem são negadas as melhores oportunidades.

Quando dizemos que a escola deve educar para a cidadania, o que queremos? Esse cidadão é alguém que entende o mundo em que vive, que sabe reivindicar seus direitos, que vota de forma consciente, ou é aquele que sabe toda a tabela periódica dos elementos? Mesmo que a tenha aprendido com a melhor metodologia e material existentes no mercado.

Mais tarde, esses mesmos indivíduos chegam ao ensino superior e lá percebem que apesar de todo tempo de estudo ainda não estão prontos para enfrentar o mundo adulto. E que aquilo que aprenderam e repetiram por anos a fio não serve como ferramenta para suas futuras profissões. E novamente serão assolados pelo conteúdo, pois no ensino superior a realidade não é diferente.

Percebo na minha rotina de professora o despreparo emocional e a dificuldade com as relações interpessoais. Lido com alunos adultos que desconhecem muitas vezes a importância do diálogo aberto, do respeito à expressão de sentimentos e ideias, do tratamento cordial e

profissional e tantos outros aspectos que contribuem para uma sociedade harmoniosa e igualitária.

Para não me alongar com essa discussão, que acredito não tenha fim, concluo afirmando que estou certa de que devemos rever a educação em nosso país, mas não apenas a metodologia, como tem sido rebatido, mas também os conteúdos. E voltando ao texto de Rubem Alves, que deu origem a esse artigo: *“Essa caixa está cheia de coisas que não servem para nada. Inúteis. Lá estão um livro de poemas da Cecília Meireles, a “Valsinha” de Chico Buarque, um cheiro de jasmim, um quadro de Monet, um vento no rosto, uma sonata de Mozart, o riso de uma criança, um saco de bolas de gude... Coisas inúteis. E, no entanto, elas nos fazem sorrir. E não é para isso que se educa? Para que nossos filhos saibam sorrir?”* (ALVES, 2004).

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. As tarefas da Educação. Folha de São Paulo (29/06/2004). Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u855.shtml>.

ARENDT Hanna. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BAQUERO, Ricardo. **Vigotsky y el aprendizaje escolar**. Buenos Aires: Aique, 1996.

DEWEY, John. **Como pensamos; como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: uma reexposição**. 3. ed. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1959.

DWECK, Carol. **Mindset: a nova psicologia do sucesso**. 1ª edição. São Paulo: Objetiva, 2017.

FREIRE, Paulo. Educação “bancária” e educação libertadora. **Pedagogia da Autonomia**, São Paulo: Paz e Terra, 61-78, 1997.
